


-O Estado sionista de Israel - a mando dos Estados Unidos - ataca o Líbano e quer uma guerra generalizada no Oriente Médio

Responder com a guerra e a insurreição das massas por todo o Oriente Médio!

É tarefa do proletariado mundial derrotar o sionismo e o imperialismo no mundo todo!

Manifesto PPRI

 Israel detonou milhares de pagens e rádios carregados de explosivos, matando dezenas de libaneses, dentre eles crianças e mulheres, e ferindo e mutilando mais de 4 mil. Nos dias seguintes ao ataque terrorista, bombardeou a capital, Beirute, e o sul do Líbano. Mais de 600 mártires pagam os libaneses e sua resistência armada, por se colocarem incondicionalmente ao lado dos palestinos. Israel já tinha atacado a capital do Irã e a da Síria. Esses atos terroristas são uma declaração de guerra, total e completa, contra a resistência e as nações e povos oprimidos, feita pelo sionismo e pelo imperialismo.

O ataque aos aparelhos eletrônicos foi planejado e preparado por décadas pelo Mossad e as agências de inteligência norte-americanas. A operação não poderia acontecer sem conhecimento e apoio dos EUA e das empresas envolvidas na produção, transporte, montagem e entrega desses aparelhos. Montaram-se empresas fantasmas israelenses, que intermediaram entre o fabricante original dos aparelhos e o Hezbollah. Escancarou-se a unidade dos monopólios, o imperialismo e o sionismo no plano terrorista, para atacar brutal e sanguinariamente uma nação oprimida. É

essa mesma aliança de interesses econômicos e políticos que há um ano tenta esmagar os palestinos. Assassina-se povos inteiros para colonizar terras, roubar e se aposar de recursos naturais, controlar governos e fazer do Oriente Médio um território controlado e sob domínio da exploração monopolista, imperialista e sionista. Mas, assim como não conseguem derrotar os palestinos, nem suas organizações da resistência armada, não poderão tampouco varrer do mapa a resistência das massas e das organizações libanesas, as quais estão unidas a seus povos e suas terras por laços inquebrantáveis, e pelo objetivo de conquistar sua total autodeterminação.

O objetivo do sionismo é esmagar os povos que resistem, por meio da guerra e carnificina, e no caso do Líbano, obrigar o Hezbollah a abandonar os palestinos, em troca de acordos de "paz". Especialmente, objetiva impedir pela violência reacionária que se estenda a resistência e revolta, e que essas possam vir a criar condições para uma derrota militar, política e regional do estado sionista e dos EUA. Se, para isso, é preciso generalizar o genocídio, o terrorismo e arrastar nações inteiras à guerra, pretendem fazê-lo!

O holocausto palestino e, agora, a projeção da guerra para o Líbano, objetivam estender a colonização de territórios e recursos, controlar a extração e utilização de riquezas naturais da região, e bloquear a expansão comercial e política dos estados operários degenerados para, desse modo, facilitar a ofensiva pela destruição de suas economias nacionalizadas e desses mesmos estados operários, para transformá-los em semicolônias. Esse é o objetivo das guerras econômicas e bélicas declaradas, direta ou indiretamente, pelo imperialismo e pelo sionismo no Oriente Médio, na África, na Ásia, na América Latina e na Europa, assim como na Ucrânia.

Nenhum governo burguês está pela paz, com exceção de um punhado de nações oprimidas. Rússia e China, junto de seus aliados na região, Irã e Síria, almejam que se negocie um cessar-fogo via organismos internacionais, deixando passar o tempo e facilitando o derramamento contínuo do sangue palestino, libanês e iemenita. As burocracias herdeiras do estalinismo mantêm uma posição reacionária e, em última instância, de cumplicidade com o genocídio e os massacres, ao não dispor todos seus recursos à dis-

continua |>

posição das lutas e da resistência contra o sionismo e o imperialismo. Por isso, enquanto o imperialismo faz negócios com a guerra e procura estendê-la por toda parte, objetivando a destruição das propriedades nacionalizadas russa e chinesa, e por meio da destruição massiva de forças produtivas criar uma sobrevida para sua decomposição, as burocracias buscam o acordo que preserve seus interesses particulares, e tudo fazem para obstaculizar e abortar a luta instintivamente anti-imperialista, impedindo-a de ganhar unidade e projeção internacionais.

Na Inglaterra, centenas de ativistas pró-Palestina destruíram equipamentos de empresas israelenses. Greves e piquetes em fábricas e bloqueio de portos em diversos países impediram ou dificultaram a produção e envio de armamentos e munições para Israel. Mas, são medidas impostas pelas bases, que instintivamente se solidarizam com os palestinos, e não se estendem e unificam nacional e internacionalmente, por conta das traições de suas direções sindicais e políticas, submetidas aos governos burgueses cúmplices e financiadores do sionismo e de suas guerras e genocídios. No Brasil, as direções sindicais não agem diferentemente: trocam vidas palestinas e libanesas pela defesa da governabilidade e da vitória eleitoral do governo de frente ampla burguesa. Está para ser retomado o contrato da compra de obuseiros israelenses à Elbit, e se continua enviando petróleo para Israel, porém, as direções sindicais e populares se negam a convocar as massas nas fábricas, nos comércios, nos serviços, e a população em geral, para fechar as ruas de todo o país, ocupar as fábricas ligadas a Israel, ocupar as universidades por tempo indeterminado e impedir o normal funcionamento da produção, da educação e dos serviços, até que o governo rompa imediata e incondicionalmente todas as relações entre Brasil e Israel.

A derrota do sionismo e do imperialismo é uma tarefa da classe operária mundial. Essa tarefa histórica não se alcançará com pedidos aos governos, processos jurídicos ou cartas aos organismos internacionais, se aliando e se subordinando aos governos que mantêm o genocídio acontecendo, a exemplo do governo Lula/Alckmin. Não se alcançará com papelada eleitoral, nem com subordinação à democracia burguesa, mas com a luta de classes aberta, e declarando a guerra à burguesia e seus governos. Agindo unitariamente e se impondo com sua força coletiva contra suas direções traidoras, paralisando as indústrias ligadas, especialmente, às potências imperialistas, a classe operária aliada aos demais oprimidos ajudará, em cada país, a avançar na derrota total do sionismo e do imperialismo.

Um passo que deem as massas mundiais em sua ruptura com a conciliação de classes e em seus métodos próprios para estrangular e destruir as bases econômicas, políticas e sociais do sionismo e do imperialismo em cada país, é muito mais efetivo e útil à luta das massas palestinas, iemenitas, iraquianas, sírias e libanesas que toneladas de papéis e escritos, declarações retóricas, votações e choramingo constrangido pelos mortos em atos e palestras. Declarada a guerra aos oprimidos, estes devem declarar a guerra total contra os opressores e carneiros, para destruir seus exércitos e estados, e exigir dos governos árabes toda a ajuda militar e política que seja necessária para derrotar Israel e os EUA. Se não o fazem, então se deve convocar os explorados a derrubá-los e julgá-los por seus crimes e traições.

A luta de classes e solidariedade internacionalista do proletariado com os palestinos, libaneses e houthis ajudará na derrota militar do sionismo e do imperialismo no Oriente Médio e também na Ucrânia, e ainda enfraquecerá as burguesias em seus países, e abrirá

uma via para sua derrocada e para a revolução social por toda parte. A luta das massas palestinas, libanesas e iemenitas se integram e são parte da luta da classe operária pela conquista do poder e pela sua emancipação.

Há pouco dias de se cumprir um ano da nova ofensiva de limpeza étnica e genocídio dos palestinos, os oprimidos se acham perante a deflagração de uma guerra que terá trincheiras de classe claras, que separam os opressores e genocidas dos povos e nações oprimidas. Defendemos e nos colocamos ao lado do legítimo direito de qualquer povo oprimido – com qualquer meio e método a sua disposição – para derrotar seus opressores. A derrota total do sionismo e do imperialismo no mundo todo é que se abrirá caminho à verdadeira paz!

A trincheira dos revolucionários e dos marxistas é sempre ao lado dos povos e nações oprimidas, de suas organizações armadas, sem compactuar com seu programa nem sua política, combatendo ao lado dos explorados e oprimidos com seu próprio programa e estratégia revolucionária. Está plenamente vigente a tarefa de convocar a unidade frentista anti-imperialista e antissionista dos explorados, e defender incondicionalmente seu direito irrestrito de utilizarem de qualquer método de combate contra seus opressores porque a derrota do imperialismo favorece a luta de classes mundial. ■ ■

***Viva a heróica
resistência palestina e
libanesa!***

***Guerra total aos
genocidas e opressores
por todo Oriente Médio!***

***Expulsar o imperialismo
do Oriente Médio!***

Fim do estado sionista!

